

POTENCIALIDADES DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL NA FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA COMUNITÁRIA

Lucília Salgado

Manuela Paulo

APCEP

Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente

RESUMO:

A pressão do sistema educativo sobre a sociedade obriga-nos a iniciar este trabalho por uma reflexão sobre a importância da Animação Sociocultural nos nossos dias. O facto da comunicação social e dos decisores políticos do campo educativo apenas terem como referência os contextos educativos escolares apresenta-se como uma dificuldade no desenvolvimento de projetos educativos em contextos comunitário, territorial, a que habitualmente se chama de educação não formal e informal. No entanto, sabemos, há quase um século, que a educação para a cidadania, para a democracia, para os direitos humanos, rapidamente se esgota em contextos escolares, o que não acontece com estratégias de Animação Sociocultural. Após esta precisão de conceitos, procura-se, neste artigo relatar um projeto de três anos, de formação de jovens e respetivas comunidades para a cidadania, através da implementação de práticas de cidadania, em territórios, instituições e associações com características de diversidade implementadas com populações de grande heterogeneidade social desde o grupo etário, ao nível académico e à etnia.

PALAVRAS-CHAVE:

Animação Sociocultural, cidadania, desenvolvimento comunitário

RESUMEN:

La presión del sistema educativo sobre la sociedad nos obliga a iniciar este trabajo reflexionando sobre la importancia de la Animación Sociocultural en nuestros días. El hecho de que los medios de comunicación y los hacedores de políticas en el campo educativo solo se refieran a contextos educativos escolares se presenta como una dificultad en el desarrollo de proyectos educativos en contextos comunitarios, territoriales, lo que suele denominarse educación no formal e informal. Sin embargo, sabemos, desde hace casi un siglo, que la educación para la ciudadanía, para la democracia, para los derechos humanos, se agota rápidamente en los contextos escolares, lo que no ocurre con las estrategias de Animación Sociocultural. Luego de esta precisión de conceptos, este artículo busca relatar un proyecto de tres años de formación ciudadana de los jóvenes y sus comunidades, a través de la implementación de prácticas ciudadanas, en territorios, instituciones y asociaciones con características de diversidad implementado con poblaciones de gran heterogeneidad social. por grupo de edad, nivel académico y etnia.

PALABRAS CLAVE:

Animación Sociocultural ciudadanía, desarrollo comunitario.

Falar de Educação no campo da Animação Sociocultural

A educação é algo que nos preocupa, que nos incomoda, que nos obriga a aprofundar uma reflexão. Um estudo interessante seria o de fazer a análise de conteúdo dos discursos televisivos e dos programas dos partidos quando falam de educação. Diria que falam maioritariamente de professores e, mesmo, raramente, de escola. As crianças, os adolescentes, os jovens, os adultos, não existem. As pessoas parecem ter desaparecido do discurso educativo.

No entanto, conhecemos, nas práticas em que nos inserimos, um sem número de atividades portadoras de educação e que, nas avaliações realizadas, poderemos verificar que são contextos onde as pessoas, de qualquer idade, aprendem de forma permanente, ensinamentos necessários às suas vidas. As crianças aprendem brincando, sozinhas ou com companheiros/as. Para os jovens estes

espaços são fundamentais não só para dar sentido ao ensino escolar como muito do que precisam conhecer para a vida. Onde se aprende, por exemplo, tantos saberes necessários no mundo dos afetos e da sexualidade? Bem ou mal, são conhecimentos fundamentais. Quantos saberes aprendem os adultos nos seus contextos fora das práticas escolares? A maioria dos mais velhos já aprendeu tudo o que sabemos do universo digital, em contextos que nada têm a ver com a escola. Partindo de Barcelona existem já em Portugal inúmeras Cidades Educadoras (1990). No campo teórico da Educação Permanente, Paul Lengrand dizia em 1976, em Hamburgo, que o desenvolvimento educativo não se pode restringir ao quadro profissional dos professores “porque estes nunca saíram das Escolas” (Salgado,1990)

Pierre Furter (1983), recusa mesmo chamar de educação *não formal* ou *informal*. Porque são tão ricas as aprendizagens fora da escola que não teremos que nos referir à escola para as definir.

Num grupo dinamizado por Mário Viché e constituído por Anton Costa Rica, José Antonio Caride, Rui Fonte e eu própria encetamos, a propósito de uma homenagem a Pierre Furter (1983)¹, uma reflexão/aprofundamento do conceito de *Espaço de Formação* defendido por Pierre Furter². Este novo conceito, liberta-nos o pensamento da “tutela” escolar para podermos refletir estes novos contextos de aprendizagem sem afirmarmos que, qualquer característica a que nos referimos “não é como na escola”.

Precisão de conceitos

O que trouxe de novo e significativo o pensamento de Pierre Furter sobre a intervenção social? Reencontrei-o na dificuldade permanente de explicar o que entendemos por Educação de Adultos, ou melhor, Educação Permanente e a sua relação com a Animação Sociocultural. Parece-nos evidente que a Animação Sociocultural integra as atividades de Educação de Adultos, mais

¹ Pierre Furter foi professor de alguns de nós, na Universidade de Génève, e faleceu de COVID, em 2021, quando já tínhamos iniciado este debate. Escrevemos artigos, que foram apresentados num Simpósio no VII Congresso Nacional e IX Iberoamericano de Pedagogia de Santiago de Compostela e inseridos num *Quadern d'Animació* que Mário Viché organizou recentemente.

² *Revista de Pedagogia Social* (no prelo) <http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista>

precisamente de *Educação não formal* (têm objetivos educativos, mas seguem um modelo diferente do escolar) e mesmo de *Educação informal* (estamos sempre a aprender na vida, com ou sem objetivos, dentro ou fora do espaço escolar). Por definição estes dois conceitos apenas nos dizem que se trata de educação que *não é escolar*³. Que não é escolar como? Perguntamos. Que não se passa na escola. Então e as Atividades de Tempos Livres, que coexistem no edifício escolar, são formais ou não formais? Sabemos apenas que se trata, ou deveria tratar-se de atividades de Animação Sociocultural. Mas são atividades educativas.

Também hoje, a educação de adultos deixou de estar presente nas políticas públicas e quase se esquecem as atividades, ditas de tempos livres das crianças. A educação acabou por ser legitimada apenas na escola e nos professores. Como se noutros espaços, noutros contextos não existisse educação. De facto, o que parece interessar na educação escolar é o seu papel de certificação.⁴ A Sociologia da Educação desmontou esta função da escola na sociedade capitalista, evidenciado o seu papel na manutenção da estrutura de classes e na de tornar os próprios marginalizados pelo sistema escolar “*Vítimas do seu próprio destino*”. (Bourdieu & Passeron, 1970, Bernstein, 1975, Althusser, 1980 e Baudelot & Establet, 1989).

A Animação Sociocultural está liberta desta função. Parece ser clara ao considerar que o seu primeiro objetivo é a educação (Ventosa, 2008). Aprende-se de várias formas e feitios, até nos contextos ditos de lazer:

Muitas destas atividades, integram-se no campo do que, desde o século passado, se chamou de *Animação Sociocultural*. O facto desta se desenvolver, maioritariamente, em contextos de lazer, permite entender a sua metodologia no sentido de Dumazedier (1979). Procura-se no lazer o que os

³ A licenciatura em Animação Socioeducativa da ESE de Coimbra expressa cedo esta dificuldade. Pretendia ser um Curso que formasse em Animação Sociocultural, mas com uma forte vertente educativa. Era o primeiro a propor numa Escola Superior de Educação e ignorava-se se passaria com um nome que não fosse *educação*. No entanto, era certo que sabíamos que pretendíamos um curso com uma forte vertente na “educação não formal”. Mas não poderíamos apelidar um Curso por aquilo que não era...

⁴ Sabemos hoje as características da animação sociocultural e, poderemos afirmar que a educação de adultos, rica, duradoura, diferenciada, com significado se insere neste campo e será, obviamente, educação não formal. O sistema RVCC de *Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências*, reconhece e certifica as aprendizagens dos adultos, adquiridas ao longo da sua vida. Claro que fora da escola e na escola. O que entrou na sua cultura. Parece-nos contraditório que se chame a este sistema “educação formal de adultos” apenas porque certifica!

brasileiros chamam de 3 D: *Divertir, Descansar e Desenvolver*. *Desenvolver* assume as funções de aprendizagens no saber de cada pessoa, de cada grupo, dizendo-nos que se aprende de uma forma agradável (*Divertir*) e sem stress (*Descansar*). Inserem-se, neste campo, por exemplo, as práticas artísticas e desportivas comunitárias. Com maior intencionalidade educativa, muitas atividades similares ditas de educação não-formal ou informal se inserem no campo da *Animação Socioeducativa*. (Salgado, 2021).

Este conceito integra ainda o de Educação Permanente. Conta-se que um dos grandes pioneiros da Educação Permanente, Bertrad Schwartz (1919-2016), se deparou, na sua atividade, com um grupo de mineiros, cuja mina tinha esgotado o filão e precisava de uma nova atividade profissional. Encontrava-se perante uma comunidade inteira com as respetivas famílias. Percebeu então que não se tratava de uma reconversão profissional no mesmo trabalho, mas de tipos de atividades que, mais do que técnicas específicas, estariam perante uma outra cultura profissional. Seria então necessário desenvolver um conjunto de situações que os levassem a aceitar, a compreender, a abarcar, todo um tipo de vida diferente. Os sentires, os afetos, as vontades, estariam presentes de modo a envolvê-los numa participação voluntária nas suas próprias aprendizagens. As vivências propostas pelas atividades de Animação Sociocultural serão propiciadoras da criação destes contextos educativos.

Apesar de toda a atividade pública se centrar na escola, as necessidades que as transformações impostas pelos novos modelos societais nos desafiam cada dia, obrigaria mais a reconhecer a Animação Sociocultural, como práticas educativas das nossas crianças, jovens e adultos, do que as retóricas escolares herdadas dos séculos passados.

As comunidades têm práticas de vida diferentes dos modelos vivenciados na maioria das salas de aula. As necessidades atuais, igualmente, encontram-se mais nas necessidades de Educação Permanente vivenciadas por Bertrand Schwartz. Referimos, por exemplo, a formação para a cidadania cuja necessidade hoje é reconhecida com unanimidade e, não encontra espaço global na Escola, truncada por práticas impostas pelas próprias estruturas.

Como formar então, jovens para cidadania necessária nos nossos dias, inserida noutros modelos, comunitários, voluntários recorrendo aos saberes trazidos pela Educação Permanente, com metodologias inseridas na Animação Sociocultural?

Durante quase 3 anos, desenvolvemos um projeto, com associações diferentes, distribuídas pelo país, com parcerias com escolas e Centros *Qualifica*, cujos saberes tentaremos apresentar sinteticamente.

Formação de jovens para a cidadania em contextos comunitários

Respondendo a um programa que a Fundação Calouste Gulbenkian, financiada pela EEA Grants, lançou em 2019 - *Cidadãos Ativ@s* –, a APCEP – Associação Portuguesa para a Cultura e Educação Permanente candidatou-se, com sucesso, com o projeto *Literacia para a Democracia*. Deveríamos ter parceria com outras associações e instituições, e por essa razão, fizemo-lo com 3 Associações, dois centros *Qualifica* e uma Escola de Ensino Superior em Coimbra.

O presente projeto vem na linha do mandato que a APCEP se atribui, expresso na sua Declaração de Princípios <http://www.apcep.pt/logotipo.php?noticia=1770>

Papel importante caberá à APCEP no fomento da formação cívica e do exercício da democracia, incitando os cidadãos à participação na vida pública, social, cultural e sindical, promovendo a sua preparação para uma correta utilização dos meios de comunicação social e pondo-os de sobreaviso relativamente a propagandas alienadoras e outras formas de manipulação da opinião pública.

Nesse sentido, em conjunto com as Associações parceiras⁵ com quem tem vindo a desenvolver atividades comunitárias e propondo-se retirar conhecimento para alargar a outros contextos,

⁵ Eram, à partida, Associações que conhecíamos há muitos anos, com forte trabalho comunitário, e com uma perspetiva clara de cidadania. A *ALEM* – Associação de Literacia, Literatura e Mediação que terá iniciado a sua atividade na prevenção do insucesso escolar inserindo a prática da literatura nas creches e jardins de infância com crianças em idade pré escolar e continuou, tendo, mais tarde, iniciado o apoio a “senhoras ciganas” como dizem e, nos últimos tempos trabalhado com a *APCEP* na alfabetização e literacia de pessoas maioritariamente afrodescendentes, no Bairro dos Navegadores no concelho de Oeiras; a Associação *A Barafunda*, na Benedita que integra o Centro *Qualifica*,

apresentou-se este projeto cuja atividade se realizou; Na Região Centro do país numa zona rural de interior através da *iCreate* em parceria com a Escola Superior de Educação de Coimbra e as Câmaras Municipais locais; Na zona do Oeste, numa comunidade rururbana – Benedita – através da Associação *Barafunda* e do Centro *Qualifica* local; Em zonas suburbanas na região metropolitana de Lisboa, integradas num concelho rico do país – Oeiras – essencialmente constituídas por ciganos e imigrantes de origem africana através da Associação *ALEM* (Literacia e Mediação), do Centro *Qualifica* do Agrupamento de Escolas de Paço de Arcos e da Câmara Municipal de Oeiras.

São associações com projetos comunitários cuja atividade se vêm desenvolvendo há mais de 20 anos mobilizando populações vulneráveis juntando-se agora uma vertente mais explícita de Cultura Democrática e Educação Cívica, procurando criar, nestes contextos, um grupo de intervenientes que permitam sustentar e dar continuidade a atividades de intervenção e enriquecer o espaço de formação criado pela animação sociocultural comunitária, com uma cultura democrática e de cidadania.

Embora cada zona prossiga as suas atividades de acordo com as dinâmicas participativas da comunidade, os objetivos mandatados foram desenvolvidos, com estratégias de animação socioeducativa comunitária, através da interação de grupos com características diferentes na comunidade, cuja presença dominante de jovens inclui as vertentes de educação cívica, potenciadoras da continuação do voluntariado e da solidariedade comunitária com as populações mais vulneráveis.

Sabendo-se hoje que a competência literacia permite o desenvolvimento da autoeficácia conducente ao empoderamento, nomeadamente de participação democrática, e tratando-se de comunidades com baixos níveis de literacia, este objetivo prosseguiu através do desenvolvimento da literacia emergente com crianças de idade pré-escolar na prevenção do insucesso escolar, com a presença da

desenvolve também atividade inovadora na Escola e, preocupa-se, sobretudo com as questões de sustentabilidade ambiental; a *iCreate*, em Vila Nova de Poiares que começou a trabalhar com pessoas idosas, foi parceira importante da ESEC (Escola Superior de Educação de Coimbra) na formação de jovens do Ensino Superior junto da população sénior.

literacia funcional nas práticas de crianças e jovens,⁶ com a alfabetização de adultos e com o incremento da literacia familiar e comunitária.

Valores como a importância do saber e da cultura democrática, como a importância de defender as causas de terceiros, como o direito à palavra de todas as pessoas, como o respeito pelos outros, qualquer que seja a sua diferença do grupo hegemónico, foram trabalhados em contextos formativos e na análise e preparação de práticas.

Do mesmo modo, a formação para os valores ligados à sustentabilidade foram desenvolvidos do local para o global e vice-versa: partindo das práticas locais nomeadamente nos que se referem às alterações climáticas, à economia circular e à nova cultura da água, integrando o incremento de uma cultura tecnológica e científica.

Igualmente, o acompanhamento e debate das políticas públicas permitiram, a vários níveis, a produção de recomendações adequadas para a tomada de decisão.

A realização de parcerias entre ONG e com os poderes públicos locais e nacionais permitiram enriquecer o tecido social e criar uma maior formação em literacia comunitária. A divulgação social foi feita não só nos fóruns próprios, específicos, mas sobretudo, com a situação de pandemia, através da internet e das redes sociais recorrendo aos recursos disponíveis nomeadamente os professores e alunos do Curso de Comunicação Social da ESE de Coimbra.

Das práticas

Logo à partida, se entendeu que a nossa atividade não se poderia centrar apenas nos jovens até aos 30 anos. O trabalho que as associações já desenvolviam não efetuavam separações por idades. Não se utilizavam processos tipo escolares. A atividade era dirigida a toda a comunidade quer fazendo-a beneficiar das atividades promovidas pelos jovens, quer reconhecendo situações em que os mais velhos foram fundamentais na resolução de integração e mobilização dos jovens (situação com a comunidade cigana), reconhecendo-o por estarmos atentos às suas formas de mobilização para as atividades cívicas. Reconheceu-se, logo nos primeiros meses, a importância que estávamos a ter na

⁶ Esta atividade com crianças, em alguns contextos, foi interrompida com a pandemia não tendo conseguido atingir completamente os seus objetivos.

continuação da formação académica dos jovens e percebemos que esse era um fator para se envolverem em atividades de cidadania. Um jovem disse: “eu andava para aqui e nem me interessava em acabar o 12º ano, só por uma cadeira. Fiz e vi como era fácil e quero ir para a faculdade!”. Perceberam a importância do conhecimento e da aprendizagem para todos e ganharam autoeficácia social “eu não sabia e já vi que sou capaz”; “queria ajudar estas pessoas, não sabia como e agora já sei”. Ajudou-se os jovens a construir um projeto de vida cidadã: entre os africanos já dizem que querem fazer ensino superior para voltar às suas terras de origem (África) e já se organizam mesmo para trazer familiares. É de ressaltar ainda a formação cultural através das redes e dos grupos criados em que se inseriam.

Salienta-se também a diversidade de destinatários: na Benedita os jovens desenvolviam atividades junto de pré-adolescentes, sobretudo no sentido da sustentabilidade ambiental, colocando-os a realizar atividades significativas. Entrevistaram mesmo um parceiro de uma associação na Noruega, à distância, sobre as práticas ambientais nesse país a partir de entrevista preparada com professores de inglês, que, tal como bastantes outros da Escola, foram envolvidos em dinâmicas de cidadania. No grupo de etnia cigana, sobretudo constituídos por mulheres, foram as mais velhas que mobilizaram as mais novas (ALEM). Os grupos seniores começaram por participar com jovens estudantes do Ensino Superior (ESEC, Coimbra) em atividades de alfabetização (*Letras Pra Vida*), tendo partido para outras: *Teclas Pra a Vida* (digital), *Música Pra Vida*, e até *Copos Prá Vida* (convívios). Outros grupos seniores (ICreate), autonomizaram-se quer a partir da elaboração de um jornal local quer fazendo um programa de rádio. Salienta-se o programa em que cada um disse “Se eu fosse político por um dia”. Os estudantes do Ensino Superior, mobilizados por docentes da ESEC (Politécnico), e envolvendo também alunos da universidade, enriqueceram as suas práticas, em geral e no decurso da pandemia. O grande grupo de africanos e afrodescendentes do bairro dos Navegadores em Oeiras envolveram as crianças que estavam presentes no espaço fazendo atividades e vendo os familiares estudar e aprender, os jovens ajudavam os mais velhos e havia gente, recém-chegada da África, que aprendia português ou aquilo que necessitasse saber.

As organizações participantes, sentiram-se reforçadas e foram enriquecidas pela partilha de atividades. As perspetivas de cidadania ganharam mais consistência internamente e o tipo de atividades que realizavam foram enriquecidas a partir do que viam as outras fazer. É ainda de salientar o respeito e a troca entre as organizações envolvidas e a entreada existente.

Não poderemos omitir, com agrado, também o aumento da nossa participação em redes associativas, o que nos levou a apresentar um novo projeto exatamente neste sentido.

Adquirimos também conhecimento que nos permitirá agora ajudar outros grupos e associações e ainda instituições: percebemos como podem os Centros *Qualifica* trabalhar com a comunidade (Benedita e Paço d'Arcos); como ajudar as escolas nos seus projetos de cidadania (Benedita); como e que atividades de animação socioeducativa e cultural desenvolver; o Ensino Politécnico entendeu melhor como pode, com os seus estudantes em formação, desenvolver cidadania numa região (Coimbra)... Neste processo, ajudou-se ainda a constituir 3 associações: uma da Bielorrússia, outra de apoio a imigrantes e refugiados em contextos de trabalho e uma terceira de jovens do Bairro dos Navegadores. Sabemos que bastante técnicos, professores e animadores aprenderam, tal como nós aprendemos, com as atividades e respetivas reflexões.

Que saberes de cidadania através da Animação Sociocultural?

Sendo os principais destinatários do projeto os jovens inseridos nas suas comunidades, a principal capacitação refere-se à sua ação com cidadania. Verificou-se que, em todos os contextos, jovens foram capazes de realizar alguns dos seus projetos de vida inseridos numa perspetiva de cidadania, sendo, obviamente, diferentes em certos aspetos, de acordo com as dinâmicas locais. Do mesmo modo, foi possível compreender como formar para a democracia. A prática de auscultar todos os jovens dos grupos em presença para a tomada de decisões, mesmo parecendo fazer gastar mais tempo, revelou-se portadora de consistente poder de formação democrática, levando, por vezes a exigir terem a palavra para as decisões nos seus territórios.

A cidadania nos domínios ambiental e de economia dos recursos naturais foi mais patente na Benedita, mas na ALEM, no Bairro dos Navegadores vimos surgir, proposto e dinamizado pelos jovens locais, o projeto agroflorestal

<https://www.facebook.com/ReflorestarPortugal/photos/pcb.4708295122619225/4708234212625316>

, com o grupo de alfabetização composto por africanos, numa horta local. Vimos ainda, com as senhoras ciganas desenvolver-se a perspetiva alimentar [participação na rede da AMUCIP e na “Letras Nómadas”], a propósito de palavras ligadas às sílabas de SALADA e de SOPA. O mesmo se passou com os seniores da região de Coimbra, de forma mais completa em Vila Nova de Poiares [Participação na Rede do Decrescimento]. As trocas entre jovens académicos e pessoas de baixas qualificações escolares pautou-se pelo diálogo de saberes marcadas pelo respeito democrático. Da consciência dos direitos pessoais à reivindicação de ter em conta a palavra das comunidades, exprimiu-se através da conceção de projetos de interesses do grupo específico – acesso ao ensino superior, por exemplo – ou inseridos no desenvolvimento local do território. [participação na rede ANIMAR].

Esta formação foi ainda apoiada pela participação em eventos, a propósito da cidadania, de grandes figuras políticas – Jorge Sampaio, Aristides Sousa Mendes (ALEM), Jean Claude Gillet (Coimbra), Paulo Freire – ou em atividades expressas “Se eu fosse político por um dia” (iCreate).

Estas ações, embora tendo como alvo principal os jovens, dirigiram-se às comunidades no seu todo sendo de salientar a sua importância para atores locais, familiares e amigos. As sessões online eram abertas a todos os interessados, assim como, em muitas atividades, eram envolvidos membros de outras associações. Parece ser patente que em todas as parceiras se criou grande empenhamento, associado a muito trabalho, bastante! voluntário! Os debates, sempre muito animados e ricos aumentaram as dinâmicas e enriqueceram as perspetivas das associações parceiras. O mesmo aconteceu nas redes a que as várias associações estavam ligadas. Salientamos aqui a participação na ANIMAR com as suas redes de desenvolvimento local sendo maior o nosso envolvimento na preparação da *ManiFesta* (Feira, Festa, Assembleia do Desenvolvimento Local) que, na impossibilidade da realização presencial se tem feito em sessões online. É também importante

assinalar a nossa participação na ANIMAR-ENEC (Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania) de apoio às escolas e professores neste domínio. Esta participação está patente no caderno *Democracia Participativa e Intervenção Cidadã* (ver site da APCEP http://www.animar-dl.pt/site/assets/files/6069/manifesta_democracia.pdf)

BIBLIOGRAFIA

- Althusser, L.** (1980). *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado*. Lisboa: Editorial Presença.
- Ander-Egg, E. (ed.)** (1997). “Metodología y práctica de la animación socio-cultural” [Methodology and practice of socio-cultural animation]. Argentina; Editora Lumen/Humanitas.
- Baudelot, Ch & Establet, R.** (1989). *Le Niveau Educatif Monte*. Paris: Editions du Seuil
- Caribe, J. A.** (2009). “Los derechos Humanos en la Educación y la Cultura”, Homo Sapins Ediciones.
- Caribe, J. A.** (2007). “La animación sociocultural y el desarrollo comunitario como Education social”. In *Revista de Educación*
- Furter, P.** (1983). *Les Espaces de la Formation*. Lausanne: Presses Polytechniques Romandes.
- Movimento das Cidades Educadoras** (1990) *Carta das Cidades Educadoras– Preâmbulo*. Barcelona: Associação Internacional das Cidades Educadoras
- Schwartz, B.** (1968) Réflexions sur le développement de l'éducation permanente *Revue française de pédagogie*, n° 4, 1968, p. 32-44.
- Salgado, L.** (2021), Educogenia. Os Espaços de Educação para a cidadania na sociedade digital. *Revista de Pedagogia Social*, volume 13 (no prelo) <http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista>
- Salgado, L.** (1990). O outro Lado da Educação — Para além do instituído in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 29, pp 105-119
- Ventosa, V.**(2008) *Perfiles y Modelos de animación y Tempo Libre*. Madrid: Editorial CCS

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Salgado, Lucília; Paulo, Manuela (2022); Potencialidades da Animação Sociocultural na formação para a cidadania comunitária; En: <http://quadernsanimacio.net> n° 36; Julio de 2022; ISSN: 1698-4404